



## UM CORPO ESTRANHO: A AUTOBIOGRAFIA MENOR DE HERCULINE BARBIN

Izabel Rizzi Mação <sup>1</sup>

### RESUMO

Uma existência estranha e faceira anima essa pesquisa. Podemos descrevê-la, rapidamente, como uma pessoa intersexo, cuja história se passou no século XIX. Contudo, menos importante que sua condição intersexual, é o fato de Herculine Barbin ter ousado viver e relatar a si mesma como uma estrangeira do gênero. Na autobiografia de Herculine, intitulada *Minhas Memórias*, encontramos uma figura ininteligível na linguagem maior do poder, que tensiona, desde dentro, a codificação binária do sistema sexo/gênero. Herculine tende a desestabilizar as fronteiras estáveis entre o masculino e o feminino, seguindo linhas de deserção e nomadismo. São essas linhas estranhas, menores e fugazes, que trespassam a escrita de si de Herculine, o objeto dessa investigação. Compartilhando a intuição de Gilles Deleuze e Félix Guattari quanto aos aspectos de uma literatura menor, analisamos a narrativa *Minhas Memórias* buscando por seu potencial político, coletivo e revolucionário.

**Palavras-chave:** Literatura Menor, Herculine Barbin, Sexo, Gênero, Nomadismo.

### INTRODUÇÃO

O sistema sexo/gênero é um veleiro prestes a afundar? Talvez, ele já esteja destinado a isso desde o princípio. Peter Pál Pelbart (2003) cita um diálogo entre Franz Kafka e Gustav Janoush, que guarda paralelos com o desfalecimento do sistema sexo/gênero. Quando Janoush diz à Kafka que vivemos em um mundo destruído, este responde: “Não vivemos em um mundo *destruído*, vivemos em um mundo *transtornado*. Tudo racha e estala como no equipamento de um veleiro destruído” (PELBART, 2003, p. 27). Esse sistema de divisão e classificação sexual que temos diante de nós, com suas séries de dispositivos normalizadores e projetos de hierarquização corporal, é também uma forma de organização dos nossos medos de agravar as rachaduras, de fazer eco aos estalos e deixar o velho veleiro afundar. Por isso é preciso recordar a importante lição sobre as relações de poder deixada por Michel Foucault, e antes dele, por Nicolau Maquiavel (HARDT; NEGRI, 2014): há sempre uma porta de saída, um plano de fuga, uma possibilidade de deslocamento. Mas é preciso uma dose de coragem para colocá-los em prática ou para seguir por suas vias de escoamento.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES; lebazi.r@hotmail.com;



Judith Butler (2015) indica ser importante, primeiramente, interrogar as possibilidades que desfazem e deslocam os sistemas de apreensão do sexo, do gênero e das identidades por meio da confusão interna e da proliferação dos constructos pelos quais esses elementos são mobilizados. Para compreender o aspecto plástico e artificial dos sexos, bem como os caminhos para a destituição dos sujeitos *homem* e *mulher* por ele instituídos, é preciso investigar aquilo que permite, por meio da proliferação inesgotável de possibilidades, privar de sentido a divisão binária dos sexos e dos gêneros. Mas, como o corpo subverte as estratégias do sistema sexo/gênero? Num mundo polarizado entre o masculino e o feminino, entendidos enquanto instâncias inexoravelmente distintas, como diluir as fronteiras que nos repartem categoricamente, fabricando homens e mulheres? Como, enfim, contaminar essas divisões bem marcadas com a potência da errância e do nomadismo?

Aqui, nos propomos a seguir a coragem de Herculine Barbin (1983, p. 74): “diante do perigo, entretanto, sinto-me forte”. Consideramos a experiência menor da escrita de Barbin como uma resposta corajosa para as questões apresentadas, que são, por si só, deveras arriscadas. Nossa intenção é confabular com Herculine, com as linhas de deriva abertas em sua narrativa e que permitem interpelar audaciosamente o sistema sexo/gênero. Para desafiar as regras desse velho jogo, entre o masculino e o feminino, apostamos no *devir menor* expresso na autobiografia *Minhas Memórias*. Herculine, cobaia em seu próprio laboratório, abre brechas e rachaduras que permitem espiar, por entre as frestas, certos meios de desfazer o sistema sexo/gênero e de questionar os esquemas de verdades que expressam o masculino e o feminino em códigos inexoravelmente dessemelhantes, tomando-os como princípio e limite de nossas existências.

## METODOLOGIA

Herculine escreveu suas memórias num quarto simples do bairro de Odéon, na Paris do século XIX. De Adélaïde Herculine Barbin, que passaria a ser conhecida como Abel Herculine Barbin aos vinte e um anos de idade, conhecemos apenas os fragmentos da fase de sua vida na qual “pertencia ao sexo feminino” (BARBIN, 1983, p. 83). Essa experiência é relatada como parte dos “dias felizes de uma vida consagrada ao abandono, e ao frio isolamento” (BARBIN, 1983, p. 83). Quanto a vida como Abel, têm-se apenas algumas poucas páginas. O manuscrito *Minhas Memórias*, encontrado após sua morte por suicídio, em fevereiro de 1868, nunca foi publicado na íntegra. Auguste Ambroise Tardieu, que recebeu

das mãos do legista o texto completo, guardou-o consigo, publicando apenas o que lhe parecia importante e anexando suas próprias conclusões. O restante do documento foi considerado por ele como meros lamentos, recriminações, simples incoerências e afetações, tendo sido descartado da publicação (FOUCAULT, 1983). Em 1978, Michel Foucault republica o manuscrito num livro organizado por ele e intitulado *Herculine Barbin: diário de um hermafrodita*, incluindo toda a documentação encontrada sobre o caso: o relatório feito por Tardieu, notícias da imprensa divulgadas no período, o conto satírico *Um escândalo no convento* – escrito pelo italiano Leopold Hermann Oskar Panizza e baseado no *Memórias* –, além de cartas, certidões de nascimento e outros documentos.

Há certa postura metodológica adotada por Foucault quanto ao caso de Herculine que, embora não seja explícita, merece ser ressaltada. Ele se recusa a interpretar Herculine, da mesma maneira que se recusou a interpretar Pierre Rivière<sup>2</sup>. Contenta-se em elaborar uma breve introdução sobre o sexo como lugar de verdade e a reproduzir, na íntegra, o *Memórias*, junto com os demais documentos encontrados. Essa postura de Foucault, ao contrário do que se poderia objetar, não tem como objetivo promover o silêncio como método, ao contrário. Ela tende a *realçar* o silêncio ao qual determinadas experiências são comumente submetidas, explicitando a forma como os discursos produzidos sob certa ótica do poder se transformam na única enunciação valorada sobre elas.

Foucault pretende desertar a literatura do poder que reinsere as experiências ímpares em contextos totalizantes. Em síntese, ele não quer que seu livro sobre Rivière “seja mais um discurso da razão a apagar a força e a singularidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 102) das enunciações do próprio criminoso sobre sua experiência como o crime. Decide, então, deliberadamente, não interpretar Rivière, enquanto, por outro lado, atenta para a trama discursiva que compõe o crime como acontecimento. Se optou por publicar integralmente a documentação encontrada sobre o caso Rivière, foi primeiramente, para vivificar de algum modo “o plano dessas lutas diversas, restituir esses confrontos e essas batalhas, reencontrar o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa e relações de poder e de saber” (FOUCAULT, 2007, p. XXII).

De modo análogo, ao reproduzir na íntegra, também sem submeter à interpretação, os documentos encontrados sobre o caso Herculine, Foucault salienta a própria rede discursiva que constitui, ou tentou constituir, *o hermafrodita* como local de verdade fundamental para os

---

<sup>2</sup> Aqui se faz referência a obra *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*, dossiê organizado de forma coletiva e publicado originalmente em 1977, com apresentação escrita por Foucault.

saberes científicos. Ele se nega a elevar um único discurso à condição de enunciação de uma verdade maior, que explicaria, por si só, a natureza do evento que se passou em La Rochelle. Aqui não há exatamente silêncio, mas a produção de uma explosão discursiva em torno do acontecimento Herculine Barbin. A medicina reconta Herculine em sua tristeza; a imprensa trata da experiência Abel, esse jovem compatriota; Panizza a reconstruiu em Alexina; e, enfim, Herculine cria a si mesma como narrativa. Seguindo a sugestão de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) quanto ao caso Pierre Rivière, também Herculine é “um ponto de cruzamento de diferentes redes discursivas que falam de experiências as mais diferenciadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 106), sendo que cada ponto nodal dessa rede compõe um acontecimento autônomo. Para Foucault (2007, p. XIII), relatos como o do caso Herculine ou de Rivière permitem:

[...] decifrar as relações de poder, de dominação e de luta dentro das quais os discursos de estabelecem e funcionam; permitem pois uma análise do discurso (e até dos discursos científicos) que seja ao mesmo tempo política e relacionada com o acontecimento, logo estratégica.

A análise dessa narrativa precisa, antes de mais nada, ser estratégica – ou melhor, tática. A autobiografia de Herculine e os saberes que se desdobraram sobre sua experiência atuam, prioritariamente, enquanto rede descentrada de produção discursiva. Cada pedaço de documentação reconta e recria Herculine a partir de uma operação discursiva dotada de certos objetivos, produzindo uma escandalosa rede discursiva. Esses múltiplos de pontos de emissão enunciativa não são passíveis de pura reinserção no contexto histórico de qualquer período bem demarcado, pois Herculine nunca poderá ser uma síntese ou totalidade, explicável ou presumível pelo mero contexto.

Não existe, portanto, apenas uma Herculine, enquanto sujeito fundante de seus atos e palavras, mas diversas Herculines, percorrendo intensidades e criando zonas de afinidade com qualquer coisa deslocada do meio que a circunda. É precisamente a partir dessa rede, confusa e dispersa, que torna-se possível captar o poder de perturbação próprio de um discurso como o de Herculine e, igualmente, “o conjunto de táticas pelos quais se tenta recobri-lo, inseri-lo e classificá-lo” segundo as enunciações particulares de um dispositivo de poder (FOUCAULT, 2007, p. XIII). Desertar, aos modos de Foucault, essa literatura do poder significa colocar, em primeiro plano, o que é *fora de lugar* na experiência narrativa de Herculine e que compõe sua menoridade literária. Mais do que uma experiência, Herculine empreende procedimentos de experimentação, descobre meios e chaves de acesso para conectar-se a outros mundos, a

outros povos, a outros contextos. Assim, o estudo da autobiografia *Memórias* “deve permitir manter afastados os velhos métodos acadêmicos de análise textual e todas as noções que derivam do prestígio monótono e escolar da escrita” (FOUCAULT, 2007, p. XIII).

Seguimos as linhas de fuga abertas por Herculine, nos estreitando a elas, como quem segue os sulcos escavados num processo de escoamento da água. Nos instalamos nesse desvio esculpido pelo fluxo da água, logo transformado em fluxo de escrita, tal qual a semente ali se instala, fazendo nascer outra planta e expandindo seu território em um *continuum* variável. Para tanto, optamos por enredar esse texto àquele deixado por Herculine, escrevendo com ela e não apenas sobre ela. Aliamos as considerações de Foucault ao que Gilles Deleuze e Félix Guattari nomearam como literatura menor e nos dispomos a perseguir esse fluxo incontinuo que vivifica o relato contido em *Minhas Memórias*.

## DESENVOLVIMENTO

Michel Foucault (1983) afirma que o final do século XIX, no qual Herculine viveu e escreveu, foi um período de intensa caça ao verdadeiro sexo de cada indivíduo. A partir daí o verdadeiro sexo e a distinção sexual como elemento “natural” e imutável, despontam como aparatos indispensáveis ao exercício do poder. Nesse período, constitui-se um saber médico-jurídico intensamente marcado pelo tema do hermafrodita<sup>3</sup>. Dispositivo de sexualidade, sistema sexo/gênero, assentamento da sexualidade molecular numa instância molar: o *Sexo* concentra toda uma emergência de mecanismos de poder, cujo alvo é o corpo e sua sistematização num regime de coerências sexuais. É isso que se presencia aparecendo no final do XIX. O tema do hermafrodita, por conseguinte, instigava histórias e lendas sobre a impossibilidade de um corpo sexualmente dúbio, disparando alertas sobre as consequências que um equívoco na atribuição sexual poderia causar.

Para Paul B. Preciado (2014), essa distinção “natural” e irrevogável entre os sexos e os gêneros é estabelecida e determinada por um sistema sexo/gênero. Esse parâmetro de classificação sexual, cujos contornos emergem no século XIX e reverberam ainda na atualidade, mostra-se dependente tanto de um modelo originário, que é *hermafrodita* ou

<sup>3</sup> Aqui, é preciso fazer uma observação sobre os usos dos termos “hermafrodita” e “intersexual” ou “pessoas intersexo”. Segundo a definição da *Intersex Society of North America* (2017), pessoas intersexo são aquelas cuja formação anatômica, ou cromossômica, não se ajusta aos padrões do que convencionalmente é compreendido como pertencente ao feminino e ao masculino. O termo intersexo aparece num contexto de lutas por direitos e visibilidade, para renomear os corpos que, uma vez, foram chamadas de “hermafroditas”. O termo hermafrodita atualmente é considerado ofensivo e caiu em desuso (ao menos no contexto da autodenominação). Evitamos, aqui, o uso desse termo, dando preferência ao uso de “pessoa intersexo” ou “intersexual”. Contudo, será preciso, vez ou outra, recorrer ao termo “hermafrodita”, devido, principalmente, a natureza das fontes analisadas.

*bissexual*, quanto do gerenciamento de suas contradições internas. Analisando as técnicas destinadas a atribuição do sexo no caso das crianças intersexuais e as cirurgias de transgenitalização contemporâneas, Preciado (2014, p. 126) indica que a fabricação do modelo heterossexual como norma depende do sucesso da construção “destes sexos gonodais, binários, diferenciados”.

A perspectiva contrassexual, conforme coloca Preciado (2014), ressalta o engodo desse modelo. Os parâmetros pelos quais se define quem é menino e quem menina tornam-se confusos no caso, por exemplo, dos bebês intersexuais. Nesses casos, toda uma tecnologia de recorte do sexo precisa ser posta em movimento para que a atribuição binária seja bem sucedida. O mesmo se revela nas cirurgias de transgenitalização, onde um pênis pode ser transformado em vagina ou vice-versa. Para Preciado (2014), os órgãos “sexuais” são, sobretudo, generativos de certa coerência do corporal. Ao mesmo tempo, eles contêm uma potencialidade plástica de mutação e volatilidade que a sistematização binária dos sexos trata de contornar. Há, portanto, a coexistência potencial dos dois sexos num único órgão, um modelo hermafrodita original nublado pelos procedimentos médico-jurídicos de distribuição da identidade sexual que, aqui, nomeamos como sistema sexo/gênero. É nesse sentido que Herculine aparece como uma falha desse sistema, como aquilo que destoa da regularidade e da normalidade; e que, justamente por isso, aflora como ameaça a ser domada pelos mecanismos de poder.

Estranheza, nomadismo, monstruosidade, antinatureza, abertura corporal e contatos de quarto grau com uma realidade que, *a priori*, não deveria ter lhe pertencido. Herculine é um pequeno diabo travesso: brinca com as durezas do *verdadeiro sexo*, da identidade e do amor heterossexual. Cobaia de si mesma, ela é desterritorializada por excelência: foge e, ao mesmo tempo, faz tudo fugir. “Anormalidade” dessa Aquiles magricela que, perambulando entre os muros dos conventos e escolas para moças, imprime nesses territórios gravemente monossexuais sua ambivalência. Fragilidade, ainda, desse corpo ininterruptamente adoecido, cujos pesares são inexplicáveis para o saber científico.

Embora ninguém dissesse nada, eu percebia que meu estado causava inquietações. A ciência não sabia explicar uma *certa ausência* e atribuía a ela, muito naturalmente, uma espécie de enfraquecimento que me consumia (BARBIN, 1983, p. 43-44).

Adeláide Herculine Barbin era irmã, professora, colegial inquieta, religiosa fervorosa, leitora ávida, amiga confiável e profissional estimada. Mas também era, em certo sentido, um “querubim perdido, amante, fauno correndo pela floresta, íncubo que entra sorrateiramente

pelos dormitórios mornos, sátiro de pernas peludas” (FOUCAULT, 1983, p. 9). Herculine é, para Foucault (1983), uma conjunção dos sonhos, desejos e medos, inspirados por essa figura menina-menino, sublinhada como demônio enigmático a ser exorcizado em toda parte. Não havendo identidade possível para ela, ou melhor, considerando que sua própria identidade se confundia com a de qualquer coisa antinatural, ela é marcada como uma figura obscura, sem identidade e sem nome, que se dissipa ao final da narrativa, deixando apenas pálidos indícios (FOUCAULT, 1983).

Herculine é uma presença fugidia, que parece não se encaixar perfeitamente nem aqui, nem ali. Conquanto alimentasse esperanças e sonhos sobre o mundo que a esperava ao se tornar Abel, logo se vê despedaçada e exortada do universo masculino, onde é incapaz de divisar um lugar para si.

Homem! Não enlameei meus lábios com perjúrios, nem meu corpo com hediondas cópulas. Não vi meu nome ser arrastado na lama por uma esposa infiel. Todos esses flagelos imundos que vocês, homens, expõe ao dia claro me foram poupados (BARBIN, 1983, p. 92).

Restam-lhe apenas as memórias daquele doce paraíso da infância, um refúgio idílico e reconfortante de sua própria penúria. Mas Herculine não se torna Abel simplesmente. O processo envolve algo mais que a revelação do *verdadeiro sexo* masculino. Ele implica uma fuga, um desvio, uma curva ou a descoberta de um meio de acesso. “Eu era *perseguida* por uma idéia constante. Surgia o novo horizonte de um futuro que não podia mais ser adiado!!!” (BARBIN, 1983, p. 61). E, como em qualquer desvio, aquele que operado por Herculine é um desvio mortal (DELEUZE, 2008).

Obviamente eu percebia que o futuro era sombrio! Seria preciso, mais cedo ou mais tarde, romper com um gênero de vida que não era mais o meu. Ah, mas ai de mim! Onde encontrar forças para dizer ao mundo que eu usurpara um lugar e um título interditados pelas Leis Divinas e humanas? (BARBIN, 1983, p. 54).

O manuscrito *Minhas Memórias* é escrito numa zona de avizinhamento, no território fronteiro daquilo que ficava interdito e explícito nessa vida vivida, até os vinte e um anos, entre mulheres. São precisamente esses espaços – carregados de coletivismo e monossexuais por excelência – que Herculine vai constranger com sua presença solitária e estrangeira. Sua literatura menor, inapreensível aos esquemas narrativos, estabelece uma zona de afinidade com aquilo que Foucault (1983, p. 6) nomeou como “o limbo feliz de uma não-identidade”.

Como no conto *A muralha da China*, de Franz Kafka, o corpo nômade de Herculine já era, desde o princípio, um invasor dentro dos muros descontínuos que segregam o feminino e

o masculino. Ele ocupa um lugar que nunca deveria ter lhe pertencido. “Terei eu sido culpado e criminoso porque um erro grosseiro me deu um lugar no mundo que não deveria ser meu?” (BARBIN, 1983, p. 56). Aquilo que diz de si mesma é, desse modo, dito a partir de um território de indiscernibilidade e indiferenciação. Enquanto alvo dos ditames de um velho jogo entre feminino e masculino, Herculine produz uma literatura menor desde dentro na linguagem maior do sistema sexo/gênero, e o faz, justamente, a partir de sua singular condição como estrangeira do gênero e como proscrita da humanidade.

Vai maldito, cumpre o teu destino! O mundo que invocaste não foi feito para ti. Não foste feito para ele também. Nesse vasto universo onde todas as dores têm lugar, tu procurarás em vão um canto para abrigar a tua. Mas a esse canto sua dor macularia. Ela inverte todas as leis da natureza e da humanidade. As casas de família fecharam as portas para ti. Tua própria vida é um escândalo da qual se envergonharia a jovem virgem, a tímida adolescente (BARBIN, 1983, p. 92).

Seria inusitado considerar que a literatura menor de Herculine se desenvolva no seio de uma língua maior, como é o da linguagem binária do sistema sexo/gênero? Antes, trata-se de colocar a linguagem no campo das relações de forças. Para Deleuze e Guattari (2003), a língua – em que se escreve ou se fala – é sempre, e de qualquer modo, afetada por um forte coeficiente de desterritorialização. Isso porque uma língua, mesmo que seja única, é uma enorme caldeira, borbulhando uma mistura esquizofrênica através da qual se exercem funções de linguagem muito diferentes e múltiplos pontos de poderes distintos. Em uma língua, ou em várias, ventila-se “o que pode ser e não ser dito: lança-se uma função contra a outra, faz-se funcionar os coeficientes de territorialidade e desterritorialização relativos” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 55). Há, portanto, movimentos de territorialização e desterritorialização operando, desde dentro, na língua. Uma literatura do tipo menor, por sua vez, segue os fluxos da desterritorialização, inventando outros usos para a língua maior.

Deleuze e Guattari (2003) afirmam que a literatura menor é composta por, ao menos, três características: a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político e o agenciamento coletivo de enunciação. Não se trata de uma questão de escala – literatura grande *versus* literatura pequena –, mas de uma operação no campo da linguagem, isto é, de um procedimento de minoração da língua. As literaturas menores não pertencem a uma *língua menor* ou a *língua dos pequenos*, mas à língua que uma minoria constrói numa língua maior (DELEUZE; GUATTARI, 2003). É desde dentro da língua maior que uma literatura menor irrompe, como exacerbação dos fatores particulares de desterritorialização presentes em qualquer língua ou sistema de linguagem. Logo, o termo *menor* não pretende



qualificar “certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama de grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 43). Sua virtude, por conseguinte, não se deve necessariamente ao fato de ter sido escrita por uma minoria e sim as suas condições de funcionamento, às tensões que provoca no interior da língua maior, inclinando-a ao elemento coletivo, político e revolucionário (DELEUZE; GUATTARI, 2003).

Da impossibilidade pulsante de seu não-lugar no mundo, desse *fora* que ela insiste em ocupar, Herculine fala de um lugar que ainda não existe ou cuja possibilidade é apenas virtual – e encontrá-lo bem poderia fazer valer a morte. “Lá está a morte, o esquecimento. Lá, sem nenhuma dúvida, o infeliz exilado do mundo encontrará finalmente uma pátria, irmãos e amigos. Lá haverá lugar para o proscrito” (BARBIN, 1983, p. 96). Se há impossibilidade de não escrever, isso se deve ao fato de que escrever é uma maneira de encontrar qualquer escapatória, de forjar uma saída através da linguagem e, quem sabe, de criar um outro mundo para seu corpo proscrito. “Não havia lugar pra mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito” (BARBIN, 1983, p. 13). É preciso, então, por meio da escrita literária, inventar seu próprio mundo, encontrar seu próprio território.

A situação fronteira, ocupada por Herculine, a coloca diante da disposição para “exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. Como o cão das *Pesquisas* que na sua solidão faz apelo a uma *outra ciência*” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40). Herculine escreve como um rato constrói uma toca, encontra uma saída ou força uma entrada. E esse *como* não funciona enquanto metáfora. Uma literatura menor implica a abolição deliberada de toda e qualquer metáfora, simbolismo ou significação; restando apenas as intensidades desterritorializadas da língua percorrendo as suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2003). Não se trata, portanto, de qualquer regime de semelhanças entre o comportamento de Herculine e o de um rato; sequer da ligação entre a sua atuação social e a de um homem. Trata-se, antes, de um devir que apreende “o máximo de diferença enquanto diferença de intensidade, transposição de um limiar, subida ou descida, queda ou erécção” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 48). Aqui, já não há *ela mesma*, um rato ou um homem, pois cada um desses elementos (homem, mulher, rato) desterritorializa um ao outro, formando uma “conjunção de fluxos, num continuum reversível de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 48). Herculine escreve *como um rato* pois, do limiar de sua condição fronteira, se vê metamorfoseada em rato de seu próprio laboratório de experimentações de gênero.

Para sair do limbo da não-identidade, mesmo se tratando de um limbo feliz, será preciso reterritorializar esse corpo dúbio pela adequação ao masculino – o verdadeiro sexo, do qual ela havia sido privada, carecia de restituição. Eis aqui o exorcismo que os saberes jurídicos e científicos operaram em Herculine: a reestruturação de sua existência “diabólica” em um sexo verdadeiro, apreensível e inteligível em seus sacralizados sistemas de decodificação corporal. Esse movimento de reterritorialização é dependente da enunciação do sexo de Herculine em termos maiores – nos termos binários da linguagem falada pelo do sistema sexo/gênero. Mas, ironicamente, ele se concretiza numa sentença cuja contradição interna é inevitável: *ela é um homem*.

## CONCLUSÃO

Herculine extrapola a noção de uma história linear ou originária do corpo humano, dispersando as funções generativas que são atribuídas aos sexos e aos gêneros, reforçando seu caráter ficcional. Como um oráculo de seu tempo, ela parece já prever aquilo que o sistema sexo/gênero viria a se tornar no século 20. O que se insinua na narrativa de Herculine é inseparável dos dilemas contemporâneos quanto a natureza dos sexos e, igualmente, do prazer sexual. Em nossas sociedades, especialmente no Ocidente, “exige-se uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico e o sexo social: esses sexos devem coincidir e nos colocam em uma das duas colunas da sociedade” (FOUCAULT, 2014, p. 86). Entretanto, é realmente possível sustentar que cada um de nós dispõem de um verdadeiro sexo e que o problema do prazer está imediatamente relacionado ao pretense pertencimento a esse sexo quando existem prazeres e anatomias conflitantes? Como enunciar a veracidade desse sexo quando ele está, mesmo que parcialmente, oculto por uma irregularidade anatômica? “Tal é o problema de fundo levantado pelo caso Herculine” (FOUCAULT, 2014, p. 86).

A narrativa expressa em *Minhas Memórias* sobrecarrega o masculino e o feminino com suas próprias penúrias, com a potência do território indefinido e indizível que a existência de Herculine ocupa, encharcando-os com múltiplos sentidos e, concomitantemente, privando-os de sentido. Ela não é inocente quanto ao seu sexo, mas ardilosa. Inventava para si um corpo feminino e, quando esse já não é suficiente, forja vias de acesso ao corpo e aos prazeres supostamente masculinos. Ao embarçar o sistema sexo/gênero com suas próprias contradições internas, burlando suas regras de operação, ela o estressa ao limite. E um sistema “estressado fica enlouquecido; seus processos de comunicação entram em colapso”

(HARAWAY, 2009, p. 65): ele torna-se parcialmente inoperante quanto a função de gerenciamento das fronteiras. Certamente, isso não se deve somente a organicidade de seu corpo. Como indica Foucault (2014, p. 86), o mais surpreendente em Herculine não é sua anatomia intersexual, mas o fato de que “no seu caso, não existe verdadeiro sexo”. Da pobreza e de seu pequeno quarto em Odéon, Herculine escreve como um rato que força a presença da toca na parede, abrindo fissuras e linhas de fuga na linguagem do sistema sexo/gênero, que só sabe repetir o mantra “homem ou mulher, mulher ou homem e nada mais”.

Minha natureza angelical, paira sobre todas as vossas inomináveis misérias, pois me disseste que não há lugar para mim em sua estreita esfera. A vós a terra, a mim o espaço sem limites. Acorrentados pelos laços dos vossos sentidos grosseiros, vossos espíritos não podem mergulhar no límpido mar do infinito, onde minha alma em desvario por sobre vossas praias áridas, sacia a sua sede (BARBIN, 1983, p. 93).

Herculine é, para o sistema de diferenciações sexuais, uma visitante inconveniente, que o constrange com seus sonhos impossíveis. Tal qual uma inventora de si, ela descobre as condições literárias necessárias para estabelecer uma zona de afinidade com o indizível da não-identidade. De certo, esse devir menor, essa existência entre um gênero e outro, ou entre um gênero e nenhum outro, será, mais adiante, realocada na esquematização maior do poder. “Pobre insensato que fui; eu tinha a felicidade, a verdadeira felicidade nas mãos, e fui deliberadamente sacrificá-la a um tolo medo!!!” (BARBIN, 1983, p. 81).

Em *Minhas Memórias* Herculine não fala meramente de si. Não se trata da narrativa de sua história, seu passado ou de sua memória. Antes, ela fala a voz de um povoado nascente que, posteriormente, segundo a intuição de Preciado (2018), integrará uma multidão *high-tech* de experimentadores de gênero. Transexuais, intersexuais, não-binários, travestis, bi-curiosos, heteroflexíveis, bixas, fanchas, ladys, viados, caminhoneiras ou pansexuais: em sua escrita solitária, Herculine se funde à enunciação coletiva dos heróis de seu povo, esses proscritos da raça humana, povoado de anormais, monstruosas e diabólicas existências. Sua literatura é, em primeiro lugar, *assunto do povo*, de um povo qualquer que ainda não podia ser conhecido (DELEUZE; GUATTARI, 2003).

“Não sei que estranha cegueira me fez sustentar até o fim esse papel absurdo. Talvez tenha sido a sede do desconhecido...” (BARBIN, 1983, p. 105).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. In: *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007. p. 101-112.
- BARBIN, A. Herculine. Minhas Memórias. In: FOUCAULT, Michel (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 11-104.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- FOUCAULT, Michel (org.). *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, Michel (org.). *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- FOUCAULT, Michel. O misterioso hermafrodita. In: *Ditos & Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 86-87.
- HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Declaração: isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1, 2014.
- INTERSEX SOCIETY OF NORTH AMERICA. *What is intersex?*. Disponível em [http://www.isna.org/faq/what\\_is\\_intersex](http://www.isna.org/faq/what_is_intersex). Acesso em: 22 jun. 2017.
- PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potências da vida. In: *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 19-27.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1, 2018.